

AS FORÇAS VIVAS

A reunião de Oliveira de Azeméis

Uma filha que sai aos pais—Confissões preciosas que convém registrar

A União dos Interesses Económicos— nome pomposo que define a organização dos exploradores do nosso suor e do nosso escasso dinheiro—conta já grande força na Aldeia de Paio Pires e em Oliveira de Azeméis. Nesta última localidade realizou-se há dias uma grande sessão de propaganda das forças vivas. Pelo extenso relato de *O Século* verifica-se que a sessão foi maior do que... a localidade onde se efectuou.

Para Oliveira de Azeméis partiram, pois, os altos influentes das forças económicas—ou das classes produtoras, que é o nome que se dá agora aos indivíduos que não trabalham. Na sede da Associação Comercial daquela vila decorreu a grande sessão de propaganda, que o «reporter» pintou com as cores mais vivas—mas vivas do que as forças vivas...

Falou muita gente, da melhor que existe lá na U. I. E.

Roque, Ferreira & Pereira da Rosa, Limitada

O leitor já conhece os oradores. São o sr. Roque da Fonseca, Alfredo Ferreira e o sempre oportuno, o inevitável Pereira da Rosa. O primeiro, depois de ter falado o sr. Borges, que é o carola daquela fregueira, ouro em nome da U. I. E. Disse muitas coisas que deixámos para o cesto dos papéis, porque não prestavam e disse outras que não podemos deixar de pôr ante os olhos do leitor.

Afirmou que a U. I. E. tinha intuições elevadas e que tudo aquilo não era obra de meia dúzia, mas de todos os comerciantes, industriais e agricultores e que mais ainda era obra dumha nação que os erros dos maus políticos levaram ao momento grave que atravessamos.

Este Roque sempre teve a mania de que a nação é apenas constituída por comerciantes, industriais e agricultores. E por defender apressas estes simpáticos cavalheiros julga que defende o país inteiro. No país, não há, para as classes produtoras, senão os interesses dos comerciantes, industriais e agricultores.

Operários, médicos, artistas, engenheiros e tantas outras classes que compõem uma nação não existem, não contam para as forças-vivas. E falam elas descaradamente em nome da nação...

Por isso o mesmíssimo Roque noutra passagem do seu discurso exclama:

—Chegou o momento de dar tudo à agricultura! Chegou o momento de dar tudo à indústria! Chegou o momento de dar tudo ao comércio!

Como elas—ó dependentes consumidores! —não nos fivessem já levado tudo!

Chama aquilo—dar tudo aos que tudo tecem arrancado das nossas algibeiras—salvar a pátria.

Os comerciantes, os industriais e os agricultores de Oliveira de Azeméis que esculavam enlevados aquelas palavras sedutoras, sentindo-se por uma estranha ilusão de óptica (o caso da rá e do boi) do tamanho da nação, incharam, incharam—e aplaudiram.

O aumento do preço da carne

um alômgo diplomática de congratulação pela chegada do gado argentino

O ministro da Argentina em Lisboa ofereceu ontem no palacete da Legação um alômgo aos ministros da Agricultura e dr. Marques da Costa, presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa e da comissão de abastecimento de carnes, a fim de comemorar o recente comércio de gado argentino, estabelecido entre a vereação de Lisboa e o seu país, para abastecimento da capital. Por coincidência começaram ontem o aumento de um escudo por quilograma no preço da carne de vaca, visto que o negocio do gado argentino não permitiu à Câmara manter a última tabela de preços em que havia alguma vantagem para o consumidor. Esse facto está dando lugar a protestos e a azedos comentários contra a Câmara Municipal e sua comissão de abastecimento de carnes, pois que o agravamento do preço da carne provoca a carestia de outros comestíveis de palmeira necessidade. Vem a propósito dizer que no Algarve, devido à altitude energética de algumas cidades municipais daquela província, se está vendendo a carne de vaca a 6500 cada quilograma e a carne de porco a 7500.

O presidente da comissão executiva da Câmara Municipal de Lisboa, pede-nos a publicação da seguinte nota oficial:

—Como esclarecimento à errada informação que à imprensa foi dada sobre supostos aumentos de venda da carne ao público, autorizados pelo presidente da Câmara Municipal, cumpre-nos informar o seguinte.

1.º Que continuaram em vigor nos talhos municipais, que funcionam como talhos reguladores, e onde haverá carne em grande quantidade as tabelas até aqui existentes;

3.º Que reconhecia a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhos particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

Aniversário da morte de Lénine

MOSCOW, 20.—Será comemorada em toda a Rússia o próximo aniversário da morte de Lénine. (L.)

A BATALHA

Redação, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 5339 CENTRAL
Cárcas de Imprensa e Esteriotipia:
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras.—Não se devolvem os originais.—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores

As ideias e as iniciativas do ministro do trabalho

Promete-se a desaparição da mendicidade nas ruas, a venda de «stocks» das fábricas com grandes abatimentos e a solução da crise de trabalho, indústria por indústria

O ministro dr. sr. João Deus Ramos deu ao *Diário de Notícias* uma longa entrevista, pormenorizando os seus planos e iniciativas dentro das várias questões que correm pela sua pasta. Começou por explicar o seu apartamento da política, durante alguns anos, alegando que ela se tornou quase exclusivamente política de negócios. Voltara à atividade convencido que a política dera a alma ao criador, o que é no nosso modo, de ver, uma bela ilusão...

O dr. sr. João Deus Ramos quer que a Assistência Pública torne eficaz a sua acção a ponto de não mais se voltar a ver, por toda a cidade, um único mendigo. Utópico! A sociedade que produz os ricos promove invariavelmente os mendigos. São inseparáveis a existência dos ricos e dos mendigos. Pode o ministro do trabalho, trabalhar, esfalfar-se e verificar, quando já se senta esgotado, como o suor perlando-lhe a fronte que o mal existe na estrutura da sociedade e só tocando de resto e profundamente deixarão de existir os fenômenos sociais a que ela conduz. O seu estúdio pode agasalhar mais uns pobres, por alguns sofrimentos, estancar algumas lágrimas, mas a miséria humana permanecerá com a sua dôr e os seus andrajos. O ministro reparou também que os penhoristas arrancam a pele às pessoas que vivem do trabalho, exigindo-lhes o juro elevadíssimo de 120% ao ano. Pensa evitar essa exploração, dando um maior desenvolvimento às Caixas Económicas. Registamos essa declaração, sem que duvidemos um instante que os penhoristas venham a encolher as suas garras...

Berra que «se revoltou contra a situação criada a classes que são consideradas em toda a parte o estio da sociedade». Infelizmente por estes cavalheiros exploradores serem considerados os estios da sociedade, é que se esquecem dos verdadeiros estios, os trabalhadores manuais e intelectuais.

Os deputados são os caixeiros do Capital

Mas o melhor, o que torna o sr. Pereira da Rosa merecedor das simpatias gerais, é aquela passagem do seu discurso em que considera os deputados e os governos os caixeiros da burguesia. Leiam bem. Transcrevemos-lhe a integra do *Século*:

... a culpa é das próprias vítimas de tal situação, porque, ao passo que para a admissão de cada um dos seus empregados lhe exigem todas as garantias, abomina e informes, consentem que vão ocupar as casas dos poderes e do Parlamento anônimos sem história...

E assim mesmo, sr. Pereira da Rosa. Os empregados das «forças-vivas» não têm cumprido integralmente o seu dever. Já arrancaram tudo ao povo e entregaram aos comerciantes, industriais e agricultores. Agora é preciso pô-los na rua, para, em seu lugar, lá pôr outros que nos arranquem a pele.

E não havemos nós de enternecer-nos perante este desinteressado movimento de salvamento da pátria?... Quando se resolvem os operários e os consumidores chamar estes pobres iludidos à realidade?

O reconhecimento dos Sóvietes

MOSCOW, 20.—O embaixador russo em Londres, sr. Rakowsky, pronunciou um importante discurso sobre política externa afirmando que o governo dos Soviéticos será formalmente reconhecido pelos Estados Unidos no decurso do corrente ano, acrescentando, porém, que a estabilização definitiva do regime soviético russo depende do desenvolvimento da revolução social em outros países, onde deve ser declarada em breve tempo. (L.)

AS BATOTAS

Os «clubs» da batota tiveram de apagar seu decorativo explendor e suas luces, porque a polícia num dos seus ataques de moral para inglês ver, os mandou encerrá-los. E' bom para que se conheça em toda a sua hiediondes os costumes policiais que a «repressão» do jôgo costuma fazer-se depois dos «clubs» satistazem a continha calada que as autoridades lhes exigem.

Sempre que a polícia vem actuar em nome da moral descore-se-lhe sempre a crápula em que vive. Neste caso das batotas fechadas a moralidade consiste numa fenomenal batota policial. Encerrou-se hoje os «clubs» para amanhã se permitir a sua reabertura.

A repressão do jôgo oculta, no fim de contas, uma questão de dinheiro. E' um jôgo em que os batoteiros perdem um pouco a polícia, o muito que lucram com os pacóios e com os ambiciosos das «forças vivas» a quem a febre e alucinação ambição do oiro, juntamente com o desejo de lubricidades, arrasta até ao fatal ponto verde.

1.º Que continuaram em vigor nos talhos municipais, que funcionam como talhos reguladores, e onde haverá carne em grande quantidade as tabelas até aqui existentes;

3.º Que reconhecia a impossibilidade de fazer respeitar as tabelas pelos talhos particulares, ficaram estes a partir de hoje em regime de liberdade de comércio, como meio de obter a redução de preços pela concorrência, visto estar assegurado o fornecimento de carne à cidade em abundância.

O SUOR DOS OPERÁRIOS

Lucros de 5.000:000 dólares

NEW YORK, 20.—A estatística do imposto de rendimento torna conhecido que quatro cidadãos americanos tiveram no ano passado rendimentos superiores a 5 milhões de dólares cada um.

Os jornais identificam os três primeiros como sendo Henry Ford, seu filho e Rockefeller Junior, mas perdem-se em hipóteses quanto ao quarto, residente em New Jersey, onde não se conhece milionário algum que possa ter tido semelhante rendimento. Supõe-se que o possuidor da correspondente e fabulosa fortuna não se queira tornar conhecido e deixa o fisco uma residência diferente da que habita. (L.)

O 1.122

E' UM POLÍCIA FEROZ

QUE DEPOIS DE AMEAÇAR VÁRIAS VEZES O PAI, ACABA POR MANDÁ-LO PRENDER

Para se exercer a odiosa missão de polícia a contento da disciplina da Ordem (com o maciúculo como os reacionários escrivem) é necessário possuir-se um temperamento especial. Não somos nós quem o afirma, são os factos que constantemente surgem que o gritam com todas as inflexões, desde as cômicas e ridículas às trágicas e sangrentas.

Policiais, como o sr. Ferreira do Amaral concebe, só o crime os pode fornecer perfeitos. A *Batalha* publica constantemente relatos de factos que provam a saciedade que o polícia de bom coração e recto proceder está destinado a viver na tortura e a ser talvez odiado pelos seus superiores, principalmente quando elas são da qualidade do actual comissário geral da polícia.

Recebemos uma carta que põe em destaque os prejuízos morais que a educação autoritária produz sobre aqueles que caem no ambiente das esquadras e das casernas. O indivíduo é, por instinto, violento e desequilibrado, a educação autoritária desenvolve-lhe esses maus instintos até transformá-lo numa autêntica aberração.

A carta que recebemos é firmada pelo pai de um polícia—o 1.122—queixando-se dos maus tratos que este dá ao autor dos seus dias.

Nicolaus de Almeida, assim se chama a vítima, lamenta que seu filho, faltando-lhe ao respeito, lhe infliga tantas torturas.

Por várias vezes o 1.122 ameaçou o pai de morte, apontando-lhe a pistola. Outra vez tentou agredi-lo com o «casse-tête». E por fim, inventou uma intriga que levou o director da Polícia de Investigação Criminal a mandá-lo prender. Um polícia que manda prender o próprio pai que será capaz de fazer aos que lhe são estranhos?

O certo é que o pobre homem foi parar ao Limoeiro, tendo conseguido sair mercê duma fiança.

Admitindo que aquele pobre pai tivesse praticado o pior, o mais abusivo dos crimes, não se conceberia nunca que fosse o seu filho quem o denunciasse e mandasse prender!

Vejam os leitores de que qualidade é este 1.122 que nem o pai conhece. Onde está aquele sentimento terno—o amor filial que dignifica a humanidade? Onde está esse simples respeito que deva haver, já não só de remos de filho para pai, mas pelo menos dum indivíduo novo para um velho?

Está seco e bem seco aquele coração. Está como o sr. Amaral gosta.

Está se que se quer na polícia? Indivíduos que sejam capazes de matar o próprio pai. E' com esta gente que se forma uma corporação que tem por missão manter a ordem na sociedade. E' com estes bandidos—almas prontas para todas as violências, para todos os desordens—que se pretende assegurar a população o predominio da tranquilidade na vida social.

Não há facinora que não possa uma melhoria, ou pelo menos, um louvor. Se o 1.122, símbolo da ordem e da disciplina, ainda não possui qualquer distintivo honrífico que dignifique a sua ferocidade, é capaz de chegar a uma hierarquia policial que será destronar a «Torre e Espada»?

Não digamos estas coisas a brincar, porque o comissário geral da polícia é capaz de carregar de medalhas o peito ao 1.122. E este, ansioso por ascender mais alto na hierarquia policial, é capaz de chegar a casa.

Outra promessa do ministro do trabalho consiste em promover a venda ao público dos «stocks» de fazendas existentes na Covilhã, com uma sensível baixa de preços. Confia na promessa que lhe fizeram os industriais dum abatimento de 30% sobre os preços das fábricas. Pretende também criar em Lisboa um grande armazém destinado a fazer fatos em séries que, por cálculos que ainda não são rigorosos virão a sair fregueses por 150 escudos. Pensa o ministro que essa sua iniciativa podia ser coadjuvada pelo sindicato profissional dos alfaiates.

Como esta ideia tinha sido apresentada numa entrevista do «Diário de Lisboa», a direção do Sindicato dos Operários Alfaiates apreciou o assunto. Depois de considerar que a classe não cabe a responsabilidade na carestia dos fatos e de reafirmar que a tática seguida por aquele organismo é de luta de classes e não colaboracionista, deliberou que, no caso de o governo necessitar para os estabelecimentos a instalar, de pessoal técnico, este deverá ser sindicado, respeitando-se os salários em vigor, e ainda não permitindo empregados.

Outra promessa do ministro do trabalho é a de encorajar os operários a formar cooperativas, através do futebol, por exemplo, que atendam a afastadas das suas associações de classe e de reuniões de importância como esta.

Segundo a opinião dum nosso informador, em Loanda cerca de 250 desempregados lutam com grandes dificuldades, apesar do governador ter tentado empregar alguns. Não tem possibilidade de regressar a Portugal, esperando muitos deles que a morte ponha termo aos seus sofrimentos.

A crise de trabalho é lá grande, devido à crise económica que a província de Angola atravessa.

Considera os industriais e lavradores, que pelo seu vêso ódio às classes operárias são a causa da maioria das divergências existentes entre operários e patrões.

O importante melhoramento atenuaria a crise de trabalho

Júlio Filipe, em palavras repassadas de amargura, descreve a angustiosa situação do operariado em face da crise do trabalho, sendo a classe marítima uma das mais atingidas e onde a fome se estende impiedosamente. Entende não haver razão para tal, visto haver muita construção por concluir e muito terreno inculto, não achando razão de que os lavradores baixassem tanto os salários aos seus trabalhadores, por não estarem em relação com o preço dos gêneros.

A construção da ponte, conclui o orador, veria atenuar esta situação muito difícil para as classes trabalhadoras.

Em seguida, em nome das associações de classe desta vila, apresenta uma moção que é assim concebida:

«Considerando que a crise de trabalho, que as classes trabalhadoras dêste concelho estão atravessando não tem justificação, visto existirem muitos trabalhos para efectuar em todos os ramos de actividade;

Considerando que as estradas nesse concelho se encontram intransitáveis;

Considerando que os edifícios públicos e particulares carecem de reparação, e demolição visto alguns ameaçarem ruina, como muitos patrões existentes nas freguesias dêste concelho, que transformados em casas de moradias, iriam atenuar um pouco a falta de habitação;

Considerando que nas lezírias dêste concelho existem muitos terrenos incultos e baldios, que aproveitados, produz

A educação moral na família

VI

A colaboração dos pais

37 — O casamento é uma associação a prolongar a nossa vida na vida de nossos filhos. Esta vida que damos aos nossos pequeninos, vale geralmente o que vale a nossa em saúde, em inteligência, em moralidade.

Os esposos constituem, forçosamente, uma sociedade civil, na qual o princípio da autoridade marital confere ao marido, um direito de gestão, uma espécie de poder eminent, que nem sempre se exerce sem abuso, e que reclama algumas reformas.

38 — A associação do homem e da mulher é, sobretudo, moral: é uma união.

Nesta união, se os esposos forem sensatos, rasoáveis e bons, julgar-seão iguais em direitos, em dignidade, a pesar das suas desigualdades naturais em força ou em inteligência. Ao entrarem pela primeira vez na casa que para si escolheram, que os esposos deixem o seu orgulho à porta. Enfim a razão entrará com elas na sua moradia, terão, um para com o outro, indulgência para as irregularidades e fiascos, tolerância para as suas imperfeições e para os seus erros recíprocos. Esses ir-seão esclarecendo mutuamente, sustentando, aperfeiçoando de espírito e de coração. Não guardará um contra o outro, na sua memória, cheia de azedume, alteradora, mesquinha, rançorosa, a reserva a que se recorre nas questões em que se interpela, em que se atira à cara um do outro, ofensas armazenadas, em que se diz: «E tu? E tu então? Tu fizeste isto assim assim. Tu disseste-me isto e aquilo!»

Não! ésses compreenderão o seu destino, compreenderão o seu destino, cada um, o seu verdadeiro papel.

O marido e a mulher, o pai e a mãe, partilharão, pois, as tarefas.

Os pais que querem ter bom êxito na educação dos filhos são, um para o outro, numa delicadeza perfeita. Nada de impaciências. Nada de nervosismo. Nada de gestos deslocados, de palavras azeadas. Um respeito recíproco exemplar. Uma lealdade recíproca absoluta. Nada de mistérios da parte da mãe para com o pai. E um pai que respeita a mãe de seus filhos, reconhece-lhe, sobre elas, a mesma autoridade que a si próprio.

39 — A felicidade pertence aos bons e valiosos.

País e mães, as forças morais são, definitivamente, as verdadeiras forças, as únicas forças.

Eis porque, em certas famílias, se vêem criaturas firmes, uma perante a outra, olharem com confiança, nunca perdendo a esperança, recusando curvar-se sob o peso das maiores desgraças.

Essas criaturas, a pesar dos desastres exteriores da sua união colhem benefícios ainda assim, porque amam sem egoísmo e cumprem o seu dever sem traição.

E assim, em circunstâncias em que os medofores de alma os julgam no fundo do abismo, eles encontram-se no cume da montanha, em plena luz e felizes a despeito do infiúncio.

A felicidade doméstica não é de modo algum uma utopia, como se diz. Está mesmo ao alcance da maioria, contanto que se lhe preste um pouco de boa vontade activa, um pouco de bom senso, de bondade e de valor. A prova é que as grandes desgraças da vida são excepcionais, e que os seres de élite sabem mesmo resistir-lhes.

Pois, sede bons e valorosos.

Dois cívicos aspirantes a cabos...

«Com que antão sêmos dois vultos, hein?» e vá de agredir brutalmente dos transeuntes

Lêde e pasmal! Os operários Manuel Joaquim da Silva e Raul Caixinhas, caminhavam às nove e meia horas da noite de sábado pela estrada da Encarnação, de passagem da oficina onde trabalham para as casas onde residem, quando a meio da estrada e encostados ao muro depararam com dois indivíduos que a escuridão da noite não permitiu distinguir.

— Estão ali dois vultos — disseram, e se giraram o seu caminho.

Dois metros adiante, ouviram gritar:

— Façam alto!

— Quem mandá? E a autoridade? perguntaram, e, como resposta obtiveram esta ameaça:

— Parem, senão...

Os dois operários pararam. Aproximaram-se os indivíduos — os guardas 872, Florindo Bandeira e 1351, Alberto Maria Fernandes — e depois do interrogatório: quem eram, donde vinham e para onde iam — um dos guardas disse:

— Então vocês iam a dizer que nós éramos dois vultos, hein?

— E puxaram um deles pelo sabre, vá de zurzir à sabrada os dois operários.

Na segunda-feira contaram os operários ao patrão o que lhes sucedera. Aquela indignou-se e dirigiu-se à esquadra com os agredidos. Formulada a queixa, o chefe aconselhou-os a fazerem a parte.

Isso se fez, e agora apenas se espera que o sr. Ferreira do Amaral promova a cabos os cívicos 872 e 1351.

Leram mas não pasmaram, não é verdade? Teem razão: já não há que pamar!

Lede o Suplemento de A BATALHA

NO LIMOEIRO

Foi finalmente removido para o hospital o preso atacado de varíola

Os presos fizeram ontem um protesto contra uma cruel desumanidade, sem que tivesse havido um grande conflito.

Desumanas são as formalidades exigidas pelo dr. sr. César dos Santos, procurador da República, para que um preso atacado de doença perigosa ou dum grave incidente, possa recolher, como exigia o seu imediato estado, a um hospital. A morte tem um grande número de probabilidades de chegar primeiro, do que a autorização tão inconveniente pela sua complicação e pela sua morosidade.

Ainda ontem referimos a dolorosa situação em que se encontrava o preso por detrito comum, António do Carmo. Atacado de varíola, permaneceu durante quatro longos dias, numa pifia exérgea das reles e imunda enfermaria do Limoéiro; sua vida correu grande perigo. A natureza contagiosa da sua doença constituiu uma grave ameaça para a sua saúde e vida dos outros presos. O director da cadeia, dr. Abilio Soeiro podia fazer, amarrado de pés e mãos a uma determinação superior bastante estúpida e cruel. Limitou-se a pedir a autorização, a insistir pela autorização, conservando-se surdos durante três dias os duros ouvidos do dr. sr. César dos Santos.

Passamos a relatar o que se passou ontem no Limoéiro:

Pela manhã, após a costumada formatura, mandaram inquirir do estado em que se encontrava o seu companheiro António do Carmo:

— Está pior — responderam-lhes. Não há esperança em salvá-la a vida.

Esta resposta ainda veio mais exacerbar o estado de espírito dos presos. Dadas as suas ideias de solidariedade a todos os humilhados, a todos os que sofrem, não era difícil de prever a indignação de que se possuam. Ainda tentaram avistar-se com o director, mas o sr. Soeiro não estava na cadeia.

Os presos arvoraram uma enorme bandeira sobre o telhado

Soaram às 11,30 hora em que começaram as visitas. Os presos que trabalhavam no pátio subiram para as salas. E também subiram para receber as visitas muitos dos presos da sala dos Entrados. Minutos depois, os guardas, quando abriram a porta que conduz ao grupo, observaram, estupefactos, que uma barricada se tinha erguido. Ao mesmo tempo, sobre o telhado do velho edifício, desfralhava-se uma enorme bandeira que já duma trapeira à outra, onde se lia o seguinte, em enormes letras:

Há peste na cadeia! Povo! Reclama asistência para os presos! Abaixo o procurador da República! Fóra com César dos Santos!

Minutos após, o sr. Abilio Soeiro chegou à cadeia e, informado do que se passava, procura imediatamente avistar-se com os presos. Dirigiu-se ao grupo B, detendo-se diante da barricada que os presos haviam erguido. Ninguém o impediu, entretanto, de falar com os presos, que com o maior acatamento o escutaram.

— Peço que se mantenham serenos, evitando conflitos com a guarda republicana, que eu vou imediatamente avistar-me com o sr. procurador da República.

Findas estas palavras, foi entregue ao sr. Soeiro, uma carta dos presos. Era a última explicação que eles lhe davam.

Tendo tomado conhecimento da carta dos presos, o director das Cadeias, desceu apressadamente a escadaria do edifício. Ia a transpor a cerca do edifício quando se encontrou com o tenente comandante da guarda que lhe mostrou uma carta que recebera dos presos. Respondendo a uma pergunta do oficial o sr. Soeiro pediu-lhe para proceder com a maior serenidade e prudência.

Uma atitude correcta e prudente do comandante da guarda

O comandante da guarda subiu, a seguir, ao patamar da enfermaria, acompanhado do chefe Ribeiro, a parlamentar com os presos revoltados. Pediu aos presos que retirassem o cartão do telhado porque o director das Cadeias voltaria, dentro de pouco, com a autorização de enviar, para o hospital, o preso que se encontrava atacado de varíola. Declarou ter recebido a carta dos presos e prometeu agir de maneira a não agravar propriamente os mesmos. Estes, dentro de uma pilha formidável de colhões e de meias, agradecem-lhe a maneira delicada e correcta como foram tratados.

Meia hora depois chegou o sr. Soeiro com a autorização do procurador da República para ser enviado o doente ao hospital.

Então o lado interior da cerca o tenente sr. Paiva e Silva pediu, em alta voz, aos presos que retirassem o cartão do telhado.

Os presos retiraram a bandeira, ao mesmo tempo que uma voz amiga lhes gritava:

— Lá vai o preso para o hospital.

A's 13,30 a entrada para o grupo B foi desempedida, tendo a barricada desaparecido rapidamente. As visitas que haviam ansiado a cena ainda puderam subir e estreitar os presos, entre os seus braços...

AS RUSGAS

Apreensões estúpidas

Ontem de manhã, a polícia de várias esquadras efectuou rusgas pela cidade, tendo a polícia da esquadra dos Caminhos de Ferro apreendido a todos os estivadores que encontraram as navalhas e ganchos que são indispensáveis para o trabalho dos mesmos.

Não concordamos que se façam rusgas porque com um pretendente ao bilhete, um inspector de fiscalização da C. P., que se aproxima por curiosidade, prende-o.

Eis um excesso de zelo pouco louvável, pois ninguém perdia com o negócio e alguma cousa lucrava quem tinha fome.

UM CASO REVOLTANTE

Uma ação de despojo contra a vontade do próprio senhorio

A sublocação das moradias continua a oferecer-se à maravilha para a mais desenfreada exploração.

Todos os dias nos teríamos que referir a factos revoltantes provocados pela desmedida ganância dos inquilinos, se o espaço só se destinasse a especializar estes anormalidades da própria legislação sobre o assunto.

Maria de Jesus, com loja de capelaria na rua dos Mouros, 5, é uma das muitas sublocatárias que parece estar destinada a impunemente viver da miséria de muitas famílias.

Calcule o leitor que esta «boa» Maria possui sub-arrendados, um prédio na rua da Oliveira, ao Carmo; uma casa na travessa de João de Deus e uma outra na rua dos Mouros, 13.

O rés-do-chão, n.º 13, da rua dos Mouros, sub-arrendou a Maria de Jesus a uma pobre criatura chamada Maria Gonçalves Abreu, por 25\$00, quando de renda apenas 15\$00.

Passado algum tempo, acerca talvez de 18 meses, a sublocatária exigiu a Abreu 100\$00 de renda, que esta recusou pagar, para o que foi aconselhada pelo próprio senhorio sr. João José dos Reis.

A Abreu, temendo a vingança da sua «senhora», passou a depositar as rendas na Caixa Geral dos Depósitos, não sem que pesasse sobre ela a ameaça de ser desalojada da casa, ao que se opunha o proprietário.

Admira-nos bastante que o *Diário de Notícias* e *O Século* tenham tomado uma atitude tão honesta. Se fosse um romance pornográfico, um anúncio daqueles neste género: «Senhora nova pede empréstimo a cavaleiro sério, tem quarto, etc.» decreto que os «honrados» panfletos não receariam manchar os seus peregrinamentos inserindo a respectiva notícia, contanto que ela fosse paga...

A quem atribuir pois este gesto?

E fácil! Inchados pelas condecorações recebidas há pouco tempo em Espanha, e não lhes convindo de maneira nenhuma irritar o rei espanhol e o seu primo, os portanzeiros da burguesia julgam merecer com este gesto o aplauso de Rivera e dos reactionários espanhóis. Talvez coidem que qualquer dia destes, isso lhes valha mais uma condecoração.

Mas quem não os conhecer que os compre... Se amanhã a república se implantasse em Espanha e Blasco Ibáñez fosse o seu presidente, estes «honrados» periódicos seriam os primeiros a engraxar o escritor que hoje fingem desprezar e a esquecer o Afonso e o Primo que hoje lisonjear.

Passado algum tempo a esta parte a Maria de Jesus, que se diz comprometida em subarrendar a um indivíduo mediante a espórtula de 5.000\$00 a casa habitada pela sua vítima, e do qual já recebeu 1.200\$00 — tem procurado todos os meios, desde ajuçar a sua determinação superior bastante estúpida e cruel. Limitou-se a pedir a autorização, a insistir pela autorização, conservando-se surdos durante três dias os duros ouvidos do dr. sr. César dos Santos.

Assediada pelo lessado da sua promessa a benemerita arrendatária intentou uma ação de despojo contra a Abreu, que posta em juizo conseguiu que anteponha a polícia a quem quer que seja a sua alegação de ser desalojada da casa onde legalmente reside.

O gesto da gananciosa senhora... do preído dos outros, indignou-toda a gente daquela ruia, que há noite, num gesto de rebolta, colocou na casa desalojada parte de mobília, gesto que o polícia de serviço, atônito, supondo já a hidra entrado de apistar desalmadamente, fazendo convergir quantos Vianas e Sebentos a esquadra das Mertas possue...

Ontem, quando um sobrinho da Abreu guardava os pobres tarecos de sua tia, o polícia 1696 da 3.ª, que se encontrava de giro, agrediu-o levando por cima para a esquadra preso, sendo mais tarde solto.

E só ontem o triste espetáculo da rua dos Mouros teve o seu epílogo, ficando vitoriosa a arrendatária, que conseguiu: negociar com o preído estranho, ludibriar a justiça e ter ao seu serviço quase a esquadra das Mertas!

E digam lá se a falta de carácter se não ajusta perfeitamente à ausência de sentimentos.

O peor é, se algum dia, as vítimas de tanta infâmia, fazem justiça por suas mãos contra essa caterva de arrendatárias que enameiam a própria vida.

CONFERÊNCIAS

«O Camões», de Garrett

Hoje, pelas 21 horas, realiza o dr. sr. Oliveira, na sede da Universidade Livre Popular Portuguesa, sua Particular à rua Almeida e Sousa, uma conferência sobre literatura nacional. Será lido e comentado «O Camões», de Garrett. Há projeções luminosas, sendo a entrada gratuita.

Reforma agrária

Na sede da Universidade Livre realiza uma conferência hoje, pelas 21 horas, o sr. Mário de Castro, «A propósito da reforma agrária — Factos e depoimentos», com a assistência do ministro da Agricultura que, amanhã, no mesmo local e à mesma hora realizará também uma conferência sobre os presos.

No 1.º distrito criminal realizou-se ontem o julgamento de Raúl Honório, que há cerca de dois anos matou, na rua do Bemposta, o agente Araújo, da P. S. E. A audiência abriu, às 11,30 horas, sob a presidência do dr. sr. Franco Patrício, sendo delegado do ministério público o dr. sr. Castro Lopes e advogado de defesa o dr. sr. Ramada Curto.

Lido o libelo acusatório o advogado de defesa apresentou a respectiva contestação. Interrogado o reu, depuseram a seguir várias testemunhas de acusação, que narraram o caso como sabiam e ouviram dizer.

As testemunhas de defesa afirmaram ser Honório um rapaz timido e que o julgavam incapaz do acto que praticou.

Depois de usar da palavra o delegado do ministério público, falou o advogado do reu, dizendo que, a pesar de ser socialista e partidário de uma transformação social, é contra os atentados individuais, com elas causa alguma luta a causa social. Chama a atenção do tribunal para o facto do acusado ter apenas 17 anos.

O reu foi condenado a 17 meses de prisão correccional, levando-se-lhe em conta o tempo de prisão sofrida, e a 70 dias de multa a 1.800 por dia.

OS QUE MORREM

FUNERAI

Realizou-se ontem, com grande acompanhamento, para o cemitério da Ajuda

MARCO POSTAL

Aos sindicatos da província

Alguns sindicatos da província usam enviar comunicados para a Batalha indicando os sindicatos concorrentes ou Federarvys da capital. Ora sucede que nem sempre estes organismos se apresentam à Batalha para esta redação os comunicados em questão. Daí a demora na sua publicação, que dà azo a injustas considerações dos interessados, chegando essa demora a ser, às vezes, tão grande, que é impossível dar já publicidade a essas notícias pela perda de oportunidade.

Um exemplo: São ontem nos fei entregue um relato dum sessão de propaganda da classe metalúrgica realizada no Rossio de Abrantes no dia 23 de dezembro passado! Claro está que a sua publicação num dia só, um mês depois seria ridículo.

Para evitar estes e outros inconvenientes é forçoso que os sindicatos da província dirijam as suas comunicações e notícias à A Batalha, directamente à redação.

Agenda de A BATALHA

CALENDARIO DE JANEIRO

D.	4	11	18	25	HOJE O SOL
S.	5	12	19	26	Aparece às 7:49
T.	6	13	20	27	Desaparece às 17:31
Q.	7	14	21	28	
	8	15	22	29	FASES DA LUA
Q.	1	8	15	22	Q. C. dia 3 às 9:30
S.	2	9	16	23	L. M. dia 10:00
S.	3	10	17	24	L. N. dia 24:00

MARES DE HOJE

Praiamar às ... e às 0:02
Baixamar às 4:59 e às 5:32

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Londres, 90 dias de vista	95:50	95:50
Londres cheque	100:50	100:50
Paris	1:12	1:14
Suica	4:01	4:05
Bélgica	1:04	1:05
Itália	8:86	8:87
Holanda	2:36	2:40
Madrid	2:03	2:07
New-York	20:70	21:00
Brasil	2:40	2:48
Noruega	1:10	1:12
Suecia	1:50	1:58
Dinamarca	2:68	2:68
Praga	1:62	1:63
Buenos Aires	8:00	8:50
Viena (1000 cordas)	2:91	2:91
Reino Unido	4:50	5:10
Agio do ouro %	5:50	5:50
Liras euro	11:00	11:50

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Teatro Carlos — A's 21 — Manon.
Teatro Luis — A's 21 — Ben-Horim.
Teatro Nacional — A's 23 — Dickey.
Teatro Olympia — A's 23 — As virtudes de Germana.
Teatro São Carlos — A's 21, 25 — Paris-Monte Carlo.
Teatro São João — A's 21, 25 — O Amor de Perdição.
Teatro São João — A's 21, 25 — Pic-Nic.
Teatro São João — A's 20, 30 e 22, 30 — As Onze Mil Virgens.
Teatro São João — A's 21 — Companhia de circo.
Teatro São João — A's 20, 30 — Variades.
Teatro São João — A's 21 — O Cabo Simões.
Teatro São João — Todas as noites — Concertos e divertimentos.
CINEMAS

Olimpia — Chiado Terrasse — Salão Central — Cinema
Condes — Salão Ideal — Salão Lisboa — Sociedade Promotora de Educação Popular — Cine Páris — Cine Esplanada — Chanteler — Tivoli.

Dentes artificiais

Importação directa
Muito mais baratos, colocados e apertos de mastigação, sem despesa de extração e consulta
BERNARDINO NUNES
Rua da Palma, 40, 1º.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 98
Para as classes pobres
Medicina, cirurgia e pulmões — Dr. Armando
Narciso — A's 4 horas.
Cirurgia, operações — Dr. Bernardo Vilar — 4 horas.
Rins, vias urinárias — Dr. Miguel Magalhães — 8 horas.
Pele e sifilis — Dr. Correia Figueiredo — II e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia — Dr. R. Loff — 1 hora e meia.
Doenças dos olhos — Dr. Mário de Matos — 3 horas.
Doenças das crianças — Dr. Cordeiro Ferreira — 2 horas.
Gengiva, nariz e ouvidos — Dr. Mário Oliveira — 12 horas.
Estomago e intestinos — Dr. Mendes Belo — 3 horas.
Tratamento de diabetes — Dr. Ernesto Roma — 5 horas.
Elos e dentes — Dr. Armando Lima — Horas, Cancer e rádio — Dr. Cabral de Melo — 4 horas.
Raio X — Dr. José de Pádua — 4 horas.
Análises — Dr. Gabriel Seato — 4 horas.

Rodas "Ocas"

A melhor para isqueiro. Chegou nova remessa. Dirigir pedidos a FRANCISCO P. LATA. Tapacurio ou Velosque do Largo do Conde Barão.

sobreveu-lhe alguns meses; quando o perdi vim por ordem do baílo habitar com minha avó, serva lavadeira do castelo de Compiegne.

— Boa Marta! na ocasião em que vocês chegaram aqui, repetia-me ela sempre: «Não te admires de que meu neto pareça um selvagem, nunca saiu da floresta!» mas, ah! a verdade de tudo é que nos últimos tempos da sua vida tua avó me dizia muitas vezes chorando: «O bom Deus quis que o pobre Yvo fosse idiota; eu pensava como ela; por isso tinha muito dó de ti. Quanto me enganava! falas como um procurador, e ainda há pouco ouvir-te, dizia comigo mesma: Será verdade que Yvo é brutal digno tão lindas coisas.

— Mas agora estás deveres contente de ver o teu erro dissipado? Correspondes ao meu amor?

— Não sei, respondeu a jovem serva corno, esgotada pelo que me dizes!

— Marcelina, queres, sim ou não casar comigo? Tu és orfã, dependes apenas da tua ama, e eu do baílo, somos servos do mesmo domínio, porque nos recusariam a permissão de nos unirmos? — E acrescentou com amargura: — O cordeiro que nasce, não vai por ventura aumentar o rebanho do senhor?

— Ai de mim! isso é verdade, os nossos filhos nascem e morrem servos como nós; mas Adelinda, minha ama, consentiria ela que eu case com um idiota?

— Eis o meu projecto; Adelinda é válida e confiante da rainha; ora, Marcelina, hoje é um belo dia para a rainha, o seu coração nada em alegria.

— Que! pois no dia em que seu marido morreu?

— Precisamente; portanto, a rainha está alegre, e por milhares de razões a sua confidente, tua ama, deve estar não menos satisfeita que a viuva de Ludwig o Madraca, a fim de pedir uma graça neste momento; é contar pois com ela.

— Que graça?

— Se tu consentes em casar comigo, Marcelina, é preciso obter de Adelinda permissão de o fazer, e a promessa de me nomear guarda, na qualidade de serva florestal, do cantão da Fonte das Córcas: duas pás-

as de serraria que fala tão cedo, Yvo?

— Mais uma pergunta a que responderei quando estivermos casados, Marcelina, replicou Yvo após um momento de reflexão; mas, tornando ao milagre, que explicara a minha transformação de idiota em criatura rasoável é muito simples: Santo Euzébio, o orago da ermida, terá feito este prodígio, e o velhaco, a quem a ermida dá bons lucros, não o desmentirá, porque o boato desse novo milagre duplicará os seus rendimentos. Todos os pâdrões especulam com a estupidez humana.

— Marcelina dos cabelos de ouro não pôde deixar de sorrir à ideia do mancebo e replicou:

— Será Yvo o brutal quem fala assim?

— Não querida é meiga menina, já disse que é

lavrás de tua ama à rainha, duas palavras da rainha ao baílo do domínio, e o nosso desejo será imediatamente satisfeito.

— Yvo, que dizes tu? se todos te julgam um idiota como haviam de confiar-te a guarda de um canto da floresta!

— Dê-me um arco e flechas, e eu provarei que sou básteiro: tenho boa vista e os braços tão desembaraçados como meu próprio pai.

— Mas como explicar essa mudança repentina, que fez de ti um homem rasoável? E dai, se tu tinhas bom senso, preguntarão para que te fingiste idiota.

— Quando fôrmos casados, dir-te-ei a causa desse fingimento, quanto à minha transformação de brutal em criatura rasoável... um milagre explicará tudo.

— A ideia desse milagre, ocorreu-me esta manhã quando segui a tua ama e a rainha à ermida de Santo Euzébio. Despertando antes do amanhecer, fui para os fossos do castelo. Apenas nasceu o sol, vi de longe tua ama e a rainha saírem, e depois dirigiram-se ambas para a floresta. Este passeio misterioso desperta a minha curiosidade; sigo-as de longe por entre o mato; elas chegam à ermida de Santo Euzébio, tua ama fica ali, mas a rainha toma o caminho da Fonte das Córcas.

— E que ia ela lá fazer tão cedo, Yvo?

— Mais uma pergunta a que responderei quando estivermos casados, Marcelina, replicou Yvo após um momento de reflexão; mas, tornando ao milagre, que explicara a minha transformação de idiota em criatura rasoável é muito simples: Santo Euzébio, o orago da ermida, terá feito este prodígio, e o velhaco, a quem a ermida dá bons lucros, não o desmentirá, porque o boato desse novo milagre duplicará os seus rendimentos. Todos os pâdrões especulam com a estupidez humana.

— Marcelina dos cabelos de ouro não pôde deixar de sorrir à ideia do mancebo e replicou:

— Será Yvo o brutal quem fala assim?

— Não querida é meiga menina, já disse que é

lavrás de tua ama à rainha, duas palavras da rainha ao baílo do domínio, e o nosso desejo será imediatamente satisfeito.

— Yvo tinha dito a Marcelina, que não podia encontrar melhor ocasião para obter um favor da rainha, tanto ela estava alegre com a esperança de casar com Hugh Capeto. Gracas à protecção de Adelinda, que

consentiu no casamento da jovem serva, o bailio de

domínio deu a mesma autorização a Yvo, quando este

segundo a promessa feita a Marcelina, voltou com o

seu juizo da capela da ermida de Santo Euzébio. O

servo contou, que tendo de noite entrado na capela,

tinha visto, à claridade da alampada do santuário,

uma monstruosa serpente preta enrolada aos pés da

estátua do santo; que, subitamente esclarecido por um

raio celeste, o idiota esmagaria as pedradas este horri

vel dragão, que não era outro senão um demônio,

que nunca mais se encontrou vestido do monstro;

e finalmente, como santo Euzébio tinha milagrosamente

dado juizo ao brutal, para o recompensar do seu au

xílio. Demais, Yvo, em glorificação do milagre opera

do em seu favor por Santo Euzébio, foi nomeado, se

gundo o seu desejo, servo florestal do cantão da Fonte

das Córcas, e no dia seguinte ao seu casamento com

Marcelina dos Cabelos de ouro, estabeleceu-se com ela

numa das profundas solidões da floresta de Compiegne,

onde viveram felizes durante muitos anos.

— Eu, Yvo, filho de Luduek, neto de Guyrion, bis

neto de Ediol, o decano dos náuticos parisienses, ter

meiho hoje 30 de agosto, esta narração da morte dos

reis da raça de Karl o Grande.

HUGH CAPETO, conde de Paris e do Anjou, du

que da ilha de França, abade de São Martinho de

Tours e de São Germano dos Prados, fez-se (no dia 5

de Julho desse ano de 987) proclamar rei pelo seu ban

do de guerreiros, com exclusão do tio de Ludwig, e

sagrado rei de França pela igreja; passados dois meses,

segundo o tempo prescrito pelos concílios, deve casar

com Branca, a rainha envenenada... cujo crime

abominável assegurou a usurpação desse Hugh Ca

peto. Assim se fundam as reais... Possa um dia

a raça desse Capeto, expiar como as outras linhagens

reais, descendentes da conquista, a iniquidade da sua

origem!

Eis agora a explicação do meu fingido idiota

Fui criado de meu pai, da mesmo modo que ele o

— Eu, Yvo, filho de Luduek, neto de Guyrion, bis

neto de Ediol, o decano dos náuticos parisienses, ter

meiho hoje 30 de agosto, esta nar

